



## O consumo da televisão por jovens de classe popular e as mediações da família e da escola<sup>1</sup>

Veneza V. Mayora RONSINI<sup>2</sup>  
Gabrielli Siqueira DALA VECHIA<sup>3</sup>  
Juliano Florczak ALMEIDA<sup>4</sup>  
Karina Aurora DACOL<sup>5</sup>  
Sarah Oliveira QUINES<sup>6</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### RESUMO

O texto discorre sobre a relação entre o consumo da televisão por jovens de classe popular e as mediações da escola e da família a fim de levantar questões iniciais sobre a leitura crítica da telenovela. No cotidiano dos jovens de classe popular, a televisão simboliza prazer, consagração de saberes, demonstração dos estilos de vida das classes média e alta, sonhos de consumo e de ascensão social. A escola parece contribuir para uma leitura crítica do gênero melodramático, tanto no que diz respeito ao saber formal ministrado aos jovens quanto, indiretamente, pela escolarização de pais ou irmãos.

PALAVRAS-CHAVE: mediações; televisão; consumo

### Introdução

O objetivo do texto é discorrer sobre a relação entre o consumo da televisão por jovens de classe popular e as mediações da escola e da família. Entende-se por consumo da televisão os modos de ver tevê (tempo despendido a ela, programas e gêneros prediletos, assistência coletiva ou individual, sociabilidade frente à tela) e a apropriação simbólica de programas, gêneros e discursos.

Considerando que a importância da televisão na vida cotidiana pode ser mais bem compreendida no quadro geral do consumo de mídia, apresentamos um resumo da interação da audiência com mídia impressa, livro e mídia audiovisual, a fim de levantar algumas questões sobre a incidência do consumo na conformação de leituras hegemônicas, negociadas ou opositivas das representações da pobreza na telenovela,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da UFSM, pesquisadora do CNPq, e-mail: venezazar@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, bolsista PET SeSU/MEC, e-mail: gabriellidalavechia@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Ciências Sociais da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq, e-mail: juliano-florczk@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq, e-mail: karinaurora@yahoo.com.br.

<sup>6</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, bolsista IC/CNPq, e-mail: sarahquines@yahoo.com.br.



objeto central da investigação em andamento<sup>7</sup>. O pressuposto é de que o sentido de uma forma cultural não está nela mesma, mas se inscreve em uma configuração midiática que molda o sentido particular da forma e da cadeia de relações que se estabelece, a partir dela, na vida cotidiana.

A cultura da mídia perpassa todas as relações sociais, é invasiva e impõe sua lógica aos campos que compõem a estrutura social. Mas como nos diz Braga (2006), a sociedade também enfrenta sua mídia e é esse enfrentamento que nos interessa estudar. Aqui se trata de ver como os jovens articulam tradições familiares e escolares com o repertório híbrido do universo midiático: mescla de estéticas e éticas do popular e da cultura de classe média. Nosso olhar é para o consumo, a moldura que delimita o quadro da recepção, impulsionando o processo de atribuição de sentido, o qual é analisado pela noção de mediações: “processos”, “lugares”, “estruturas”, “formas”, “instituições” (MARTÍN-BARBERO, 1987) que conformam a interação das audiências com os meios de comunicação tecnológicos.

Recorrendo à nova formulação do modelo teórico das mediações no qual Martín-Barbero (2002, p. 227) apresenta as mediações da institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade, nossa proposta de trabalho abarca as duas últimas, no que diz respeito ao papel da família e da escola como reguladoras dos modos de ver televisão no ambiente doméstico.

A partir do estudo de caso e da etnografia de audiência, entrevistamos 20 jovens de classe popular simultaneamente à exibição das novelas Páginas da Vida, Paraíso Tropical e Duas Caras e acompanhamos a recepção de duas telenovelas das 21 horas da Rede Globo – A Favorita e Caminho das Índias – na casa de seis jovens, três meninos e três meninas. Nossas observações são provisórias e fruto de pesquisa de campo em andamento (os primeiros contatos nas escolas com os entrevistados foram feitos no final de 2006 e atualmente realizamos as etnografias), porém os registros capturados pela entrevista semi-dirigida, pela aplicação do formulário para levantamento do *habitus* de classe e pela observação direta nas escolas e lares permite anotações sobre: a) como a família medeia o consumo televisivo quanto ao tempo de exposição, consumo privado ou coletivo, interferências no momento da exibição; b) o padrão juvenil de consumo de

---

<sup>7</sup> A pesquisa mais ampla da qual este texto é um excerto tem por objeto a leitura juvenil das representações da pobreza na telenovela e problematiza o poder das representações teleficcionais em reproduzir a desigualdade social. A descrição do quadro amplo do consumo de mídia audiovisual, impressa e livro é encarada aqui como condição epistemológica para a pesquisa de recepção interessada em comparar apropriações e usos dos gêneros televisivos por classes sociais distintas (popular, média e média alta), com diferentes espécies de capital (econômico, social, cultural e simbólico).



bens culturais, do culto ao massivo; c) quais são as principais atividades de lazer no espaço urbano; d) os conflitos entre a educação formal pela escola e a “educação” através da mídia: interesse pelo aprendizado, avaliação das aulas, professores e escola, tempo de dedicação ao estudo, ambições de carreira, valores repassados pela escola.

A relação entre juventude e mídia na modernidade nos remete ao pânico dos especialistas e observadores acerca da incidência negativa de inúmeras modalidades de entretenimento endereçadas à juventude (FREIRE FILHO, 2008, p. 34-35): no século XIX, livros, folhetins e teatro sensacionalista; no século XX, cinema, histórias em quadrinhos, gêneros musicais distintos e uma extensa lista *high tech* de influências. A tevê, pela extensão e profundidade de sua influência, tem sido um dos alvos principais de preocupação quanto à formação moral e intelectual dos jovens que dedicam grande parte do dia ao consumo de telenovelas, filmes, videocliques, desenhos animados, *reality shows*, telejornais e outros gêneros que são produzidos especialmente para eles.

No debate sobre o poder da televisão, parece possível pensar criticamente sem cair numa perspectiva apocalíptica, visto que ela e outras instâncias da sociedade atuam e conformam os processos de reprodução ideológica e de disputa pela hegemonia, mas também podem fornecer elementos para a produção de ideologias contra-hegemônicas.

Não seria exagero afirmar que a cultura juvenil é uma cultura audiovisual, em função da empatia dos jovens com suas formas culturais e seus ritmos, estéticas e linguagens. Talvez por isso a família e a escola tenham dificuldade em entender o tédio que os jovens parecem manifestar na ausência das formas “animadas” ou dinâmicas dessa cultura: o apelo ao emocional, ao lúdico, ao fragmentado, ao visual.

Se é arriscado prognosticar uma crise da família em função da crise do patriarcado, há um consenso entre educadores e estudiosos sobre a perda da legitimidade da escola, devido ao descompasso entre as funções e práticas escolares e os interesses juvenis. A instituição escolar perdeu o lugar central que ocupava no campo da cultura e da política, e desde os anos 60 vem tentando sobreviver a uma crise para a qual contribuíram o encolhimento do Estado e as condições mercantis da cultura juvenil. O rompimento da ordem tradicional não provocou, no entanto, a invenção de uma nova ordem de valores e esse vazio de significados afeta tanto professores quanto estudantes (SARLO, 2001). O sistema de ensino está enfrentando uma crise de legitimidade que compromete sua hegemonia no mercado das trocas simbólicas.

Segundo Pierre Bourdieu (1987, p. 118), o campo da produção, reprodução e circulação dos bens simbólicos é o campo da concorrência pelo monopólio do exercício



legítimo da violência simbólica. Nesse sistema, o campo de produção erudita é sede de uma concorrência pela consagração propriamente cultural e pelo poder de concedê-la. Assim, esse campo se liga a instituições – como o sistema de ensino formal – que têm a função de legitimá-lo, mas também é atravessado por instâncias com pretensões de exercer uma autoridade cultural, ainda que em nome de princípios de legitimação diferentes. Na relação entre escola e mídia está materializada a oposição entre o campo da produção erudita e o da indústria cultural, cada qual buscando consagrar a cultura que estão encarregados de reproduzir. Em um contexto de crise da instituição escolar, os meios de comunicação de massa ganham espaço e legitimidade social e, cada vez mais, os traços da cultura adolescente de classe popular se definem a partir do consumo dos bens simbólicos massivos.

Nossa descrição explicita as injunções entre classe social, consumo de mídia e vivência escolar, apresentando um perfil socioeconômico e cultural da família e dos jovens de classe popular (base para o entendimento do *habitus* de classe)<sup>8</sup>, o panorama do consumo dos meios de comunicação pelos jovens e suas expectativas e disposições em relação à escola.

O panorama do consumo dos meios<sup>9</sup> diz respeito aos 20 jovens entrevistados e fornece a base para a compreensão das leituras críticas e acríicas da telenovela, categorizadas e analisadas mediante o modelo *encoding/decoding* de Stuart Hall (2003). As falas juvenis acerca dos personagens, tramas e resoluções da narrativa melodramática foram classificadas como decodificações opositivas, negociadas e dominantes do gênero, resultando em seis leituras opositivas (críticas), nove leituras negociadas (medianamente críticas) e cinco leituras dominantes (acríticas). As designações teóricas nominadas opositivo (“crítico”), negociado (“medianamente crítico”) e dominante (“acrítico”) funcionam como tipos ideais (WEBER, 1986, p. 108-109) que permitem a caracterização dos seus aspectos essenciais mediante a comparação dos significados culturais da televisão para os três tipos. Como a decodificação negociada é a combinação das outras duas formas de decodificação dos discursos televisuais, é mais produtivo esclarecer o comportamento dos tipos “puros”

---

<sup>8</sup> Na fase da pesquisa em que foram aplicados os formulários relacionados ao perfil socioeconômico e cultural, dois deles não participaram por falta de tempo em função da escola e do serviço militar ou migração para outra cidade. Assim, nas questões sobre o levantamento da faixa de renda e escolaridade dos pais e irmãos o número de respondentes foi de 18, o que não prejudica em nada o entendimento da posição de classe do grupo como um todo, pois as condições materiais são mais ou menos uniformes: a maioria dos jovens pertence à fração média baixa e uma minoria à fração baixa da classe popular (QUADROS e ANTUNES, 2001).

<sup>9</sup> O consumo dos meios de comunicação está descrito no tópico *A televisão no cotidiano dos jovens de classe popular*.



visto que o tipo negociado tende oscilar para o padrão de leitura e para os índices quantitativo e qualitativo de consumo encontrado em críticos ou acrícos.

A família de classe popular: perfil socioeconômico e capital cultural

A família é, para a classe popular, a situação primordial de reconhecimento dado que a identidade pessoal é mais dependente das relações de parentesco. Em condições materiais adversas nas quais o sofrimento com problemas de saúde são recorrentes e a instabilidade financeira e precariedade material afetam o presente e as expectativas de futuro, ser pai, ser mãe ou ser filho define permanentemente o que se é no bairro e na vizinhança. Entre os grupos estudados, a família nuclear é a forma de organização mais comum, agregando, às vezes, filhos de outros casamentos, embora a importância do parentesco não se restrinja aos laços entre pais e filhos. Família e trabalho são as referências do mundo da ordem e a identidade pessoal das classes populares no moderno está associada à ordem do lar e ao empenho no trabalho. Se a pobreza foi definida, historicamente, pelo poder e pelo dinheiro, tem sido no plano moral que os pobres podem ser iguais ou superiores aos ricos em sua virtude (SARTI, 1996, p. 97-105).

Os jovens de classe popular são oito meninos e 12 meninas, com idades entre 15 e 18 anos, sendo três negros e 17 brancos, majoritariamente estudantes de escolas públicas (apenas uma jovem é bolsista em escola privada). A condição econômica das famílias, avaliada de acordo com a profissão do membro melhor situado, é a fração baixa (quatro) e média baixa da classe popular urbana (16). Os pais (padrastos ou avôs) com melhores condições de vida têm ocupações como marceneiro, bombeiro, ferroviário aposentado, chapeador, pedreiro, motorista aposentado, vigilante, cabo do exército, cabo da Brigada Militar aposentado e vendedor ambulante. As mães que são chefes-de-família (três da fração baixa e duas da fração média baixa) trabalham em ocupações de empregada doméstica, vendedora ambulante, servente, arquivista e técnica em enfermagem. A faixa de renda, baseada no salário do membro melhor situado na família, varia de R\$ 477,40<sup>10</sup> a R\$ 1.200,00.

---

<sup>10</sup> Salário-mínimo regional do ano de 2009. De acordo com o critério de classificação de classe, a renda do membro melhor situado da família define a posição ocupada. Levando em conta que as famílias pobres no Brasil vivem com até 2 salários-mínimos (SINGER, 2005, p. 35), dos 20 entrevistados, três são pobres (dois meninos cujas mães são empregada doméstica e servente e uma menina cuja mãe é vendedora ambulante) e os demais pertencem à fração média baixa de classe popular.



As condições econômicas das famílias determinam o capital social e cultural dos jovens, suas relações com indivíduos de outras classes e as raras oportunidades que possuem de contato com atividades culturais ou artísticas para além dos meios de comunicação, bem como sua socialização escolar. A oportunidade de emprego também é bastante limitada visto que dos 20, apenas sete já trabalharam em empregos temporários.

O capital cultural dos jovens de classes populares é transmitido pela escola pública, pela família e pelos meios de comunicação, e se define pela distância em relação à aquisição de bens simbólicos consagrados como diplomas em escolas prestigiosas de ensino médio, pela ausência de contato com bens simbólicos eruditos como o teatro, literatura, artes plásticas e audições musicais. A definição de si mesmos como pobres se manifesta em apenas seis deles, enquanto os outros 14 se autoidentificam como classe média. Se a cultura das classes populares se constitui na relação com outras classes e com as instituições da produção cultural dominante, a negação da identidade de classe decorre de, pelo menos, dois fatores: das relações sociais e/ou das representações da pobreza na mídia.

A maioria dos jovens tem contato com a classe média no bairro, na escola ou no espaço público e percebe sua posição a partir dessas relações, sentindo-se mais próxima ou desejando estar mais perto do padrão de comportamento, da aparência e dos projetos da juventude de classe média. Os que se definem como pobres têm em comum o fato da mãe (duas meninas e de dois meninos) trabalhar ou já ter trabalhado como empregada doméstica, uma profissão que é sintomática da subalternidade brasileira em termos de salário, de horas trabalhadas e de capital simbólico. Todas elas transmitem aos filhos o desejo da superação da condição de pobreza e de dificuldade vividas.

A visibilidade midiática da pobreza (como miséria absoluta ou como resultado da incompetência, ignorância, falta de caráter ou de atributos pessoais) e o próprio embate diário com os destituídos, pedintes, moradores de rua e toda a sorte de tipos humanos que engrossam a população que vive abaixo da linha da pobreza faz com que pessoas de classes populares urbanas – trabalhadores assalariados ou trabalhadores por conta própria – “optem” por se identificar com a classe média. Segundo nosso entendimento, a negação da posição de classe pode ser explicada pela existência da divisão entre os que possuem um *habitus* primário e os que possuem um *habitus* precário (SOUZA, 2006: 36). Vale dizer, o sujeito que se percebe como classe média



acerta em considerar que seu *habitus* incorporado é de esquemas avaliativos e disposições de comportamento semelhantes ao da classe média.

Mais da metade dos 20 jovens mora em bairros populares e o restante em bairros nos quais os residentes majoritários são de classe média. Nos bairros de classe média, as ruas são pavimentadas, há sistema de esgoto e presença de posto de saúde e estabelecimentos comerciais. Dos cinco bairros populares, em quatro deles as ruas são desprovidas de cobertura e a rede de esgoto é precária ou inexistente (nas zonas de pobreza absoluta). Um deles é exceção e possui boa infraestrutura e equipamentos urbanos, apesar de também possuir “áreas de invasão” com habitações miseráveis.

Os pais de 11 jovens são casados, os de outros três são separados. O pai de um jovem separou-se, casando-se pela segunda vez e, por último, o pai ou a mãe de cinco jovens são viúvos. A mãe de um deles casou-se novamente. Independentemente do estado civil dos pais, os jovens têm na família o apoio que necessitam: pais, figura materna ou avós como referência de autoridade e cuidado.

A escolaridade predominante entre os pais varia do ensino fundamental incompleto ao ensino fundamental completo. Entre as mães, as duas maiores concentrações estão no ensino fundamental incompleto e no ensino médio completo. Quanto às exceções, o pai de uma jovem possui o ensino superior incompleto e as mães de duas jovens possuem ensino superior completo (Arquivologia e Licenciatura em Letras - Português). Resumindo, a escolaridade mais comum entre pais e mães é o ensino fundamental incompleto ou completo e, em segundo lugar, o ensino médio completo ou incompleto. O capital cultural em termos do número de anos de escolarização dos pais pode ser considerado de “fraco” a “razoável” e o capital cultural, que é medido pela distância em relação à cultura da classe alta, é “fraco”, não havendo intimidade com os bens culturais da cultura culta: teatro, literatura, artes plásticas, balé e música erudita.

Observa-se que o capital cultural transmitido pela educação formal pode ter relação com a leitura crítica da televisão em virtude de que, dos seis entrevistados que efetuam leitura crítica da telenovela, quatro têm algum familiar com curso superior incompleto (dois) ou completo (dois) e dois têm um familiar com ensino médio completo.

A educação dos filhos inclui a transmissão de valores morais como honestidade e bondade, de atitudes como respeito e cortesia nas relações pessoais, além da ênfase no esforço pessoal para a autonomia financeira no futuro. A importância dos estudos para





essa autonomia é mencionada espontaneamente por apenas dois jovens. Os ensinamentos mais recorrentes dizem respeito à formação do caráter e da pessoa humana, e as mães são responsáveis diretas pela transmissão do capital cultural familiar e dos códigos de conduta à aquisição das disposições morais.

O tempo de lazer dos pais é preenchido, nesta ordem, com assistência à televisão, convívio no espaço público do bar ou da rua, jogo de bocha, pescaria e futebol. O lazer das mães se caracteriza por atividades restritas à esfera doméstica, como visitar amigas/vizinhas e tomar chimarrão, cozinhar e ver televisão. As atividades menos recorrentes entre elas são aquelas exercitadas no espaço público urbano ou rural. Das atividades de lazer preferidas dos jovens, oito delas estão diretamente relacionadas ao consumo de mídia (tevé, rádio, computador ou leitura de revistas) e 10 estão relacionadas com o prazer da companhia dos amigos, esporte, descanso ou bailes.

As atividades realizadas no tempo livre<sup>11</sup> mais recorrentes, citadas por 12 e 13 jovens, respectivamente, são ouvir música em emissoras de Freqüência Modulada e assistir televisão. Na repartição do tempo livre há um certo equilíbrio entre a sociabilidade não-mediada e a mediada pelos meios de comunicação. E mesmo em parte das horas dedicadas à tevê, os jovens de classe popular estão na companhia de familiares.

Observa-se que, ao contrário dos pais, as atividades prediletas de lazer dos filhos são a televisão e o rádio. O tempo diário de exposição dos jovens à tevê varia de menos de 2h a mais de 7h. As faixas de exposição mais recorrentes são menos de 2 horas (uma menina e cinco meninos) e de 2h a 3 horas (três meninas e um menino). Somando as faixas com índices elevados de horas assistidas de 3h a 4h, de 4h a 5h, de 5h a 6h, de 6h a 7h e mais de 7h aparecem outros 10 entrevistados, dos quais oito são meninas e dois são meninos. Por outro lado, os dados não permitem concluir que o grau de criticidade em relação à tevê esteja relacionado ao número quantitativo de horas despendidas, por que as meninas veem mais tevê e, em compensação, realizam leituras opostas da telenovela e do telejornal mais frequentemente do que os meninos.

A televisão no cotidiano dos jovens de classe popular: mediações da escola e da família

---

<sup>11</sup> As categorias tempo de lazer e tempo livre são “categorias nativas” que não fazem distinção entre o tempo dedicado a atividades prazerosas e lúdicas e aquelas dedicadas ao ócio, livres das obrigações do trabalho, do estudo e das tarefas domésticas.





Entender o consumo de bens culturais como um sistema de rituais que dão sentido às experiências cotidianas ajuda a esclarecer o modo como a audiência se relaciona com determinado meio, programa, mensagem ou gênero. É com esse intuito que discorremos sobre o consumo dos meios de comunicação, subdivididos em três categorias: mídia impressa, mídia audiovisual<sup>12</sup> e livro. As técnicas de coleta de dados que utilizamos foram múltiplas: entrevista e formulário aplicados durante cerca de dois anos (2007 a 2008), observação participante nas escolas de 2006 a 2008, anotações no diário de campo desde os primeiros contatos com professores e alunos em 2006, estendendo-se ao longo 2009 com alguns dos informantes.

Na classe popular a falta de opções de lazer e o tamanho das residências propiciam a reunião da família na hora da novela e a assistência diária a programas comuns, incluindo o fim-de-semana.

A Rede Globo é líder de audiência entre os jovens estudados, depois o SBT e, empatadas, a MTV e a Record. Apenas três entrevistados possuem TV por assinatura e os canais mais citados são *Cartoon Network*, *Discovery Channel* e Telecine. Quanto aos três gêneros televisivos favoritos, o mais citado por todos é o filme, em segundo lugar, empatados, os gêneros desenho, humor, musical e esporte. Na sequência estão a telenovela e o documentário. Os gêneros menos citados são o auditório, noticiário e *talk show*. As emissoras de rádio de maior preferência são Atlântida e Medianeira FM, a primeira com predominância de *pop rock* internacional é rádio de público jovem e urbano de várias classes; a segunda, mais popular, tem programação para faixas mais amplas de idade, dada a maior variedade de sua seleção musical. O uso do computador é limitado porque, dos 20, apenas metade o possui e os demais acessam o Orkut e MSN da casa de amigos, da escola ou do trabalho. Os filmes hollywoodianos são a referência principal para os jovens e são assistidos basicamente em casa, pela tevê ou pelo DVD. Os livros consumidos são *best-sellers* – dentre eles, *O Código da Vinci* de Dan Brown, *Harry Potter* de J. K. Rowling, *O Alquimista*, de Paulo Coelho -, literatura espírita e clássicos. Os que decodificam a novela criticamente se caracterizam por ler tanto *best-sellers* como autores que são exigidos pela escola, como Machado de Assis, Eça de Queirós ou Clarice Lispector, ao contrário dos acríticos, que preferem os *best-sellers* e a literatura espírita.

---

<sup>12</sup> A mídia impressa abrange revistas informativas, aquelas destinadas a audiências juvenil, feminina, masculina e jornais locais; para efeitos de sistematização, o rádio foi incluído na categoria de mídia audiovisual, que abrange TV, cinema e internet.

### A mediação da família

A assistência da telenovela das Oito da Rede Globo e do Jornal Nacional é um hábito regular nas famílias, sendo os dois programas mais assistidos por todos os membros. No que se refere aos comentários que os pais fazem a respeito da programação televisiva, verifica-se que os pais de todos os jovens fazem algum tipo de comentário negativo, enquanto os pais de 16 jovens fazem comentários positivos. Os comentários negativos podem se referir tanto aos temas abordados quanto ao modo de tratá-los, sendo mais comum que os pais critiquem a realidade evocada pela tevê e não o tipo de abordagem. Já os pais que comentam positivamente a tevê, focam no caráter “pedagógico” do veículo, na sua capacidade de ensinar algo sobre o comportamento, boas maneiras, lugares, dicas de saúde e estilos de vestir.

O impacto efetivo da família sobre a ficção televisiva, isto é, aquele que se traduz na ação concreta de deixar de assisti-la ou de rejeitá-la pela ruptura do gênero telenovela com os mecanismos de identificação, ocorre quando a legitimidade da novela para tratar com questões da realidade é contestada. Por exemplo, a família de uma das jovens decidiu não assistir à Paraíso Tropical em função do excesso de demonstrações de “riqueza” e de intrigas e a família de um jovem assiste à novela sabendo que a vida é outra coisa, equilibrando as possibilidades de identificação (a semelhança da situação familiar com a de outras na novela que também passam por crises financeiras) com o realismo que pensam existir: a analogia entre a vida dos ricos e a vida dos ricos na novela. No geral, a família não controla a assistência nem a quantidade da exposição, interfere ocasionalmente no momento da assistência com comentários esparsos e sintéticos que não resultam em debate.

Novelas de intervenção social possuem credibilidade e aprovação pela discussão de preconceitos sociais e raciais, e de dramas pessoais decorrentes da doença e da pobreza.

### A mediação da escola

Para analisar a avaliação que os entrevistados de classe popular fazem da escola, foram selecionadas seis questões que interrogavam sobre: o que mais gosta e o que menos gosta na escola, o que a escola representa em seu futuro, os motivos pelos quais os jovens estudam tão pouco e os entraves ou conflitos que atrapalham as relações sociais do jovem na escola. Outras duas questões interrogavam se os professores



realizavam, em sala de aula ou extraclasse, discussões sobre a situação dos pobres no Brasil. Por fim, analisaram-se as profissões que pretendem seguir e os motivos para tal escolha de forma a observar as expectativas individuais, escolares e familiares em relação ao futuro e a reprodução ou superação da posição de classe.

As atividades preferidas pela maioria referem-se a tudo o que ocorre ou que tem mais oportunidade de se manifestar fora da sala de aula, nos ambientes reservados para o encontro e para o afeto: amizade, conversas, atividades culturais como dança, apresentações, ensaios da banda escolar e festas. Já no que se refere ao que menos gosta na escola, a quase totalidade das manifestações dos entrevistados diz respeito aos métodos de ensino considerados desinteressantes, aos problemas de infraestrutura ou à falta de organização/disciplina. A escola se transforma na antítese do “aproveitar a vida” e a lógica do espetáculo da sociedade do entretenimento é exigida também da escola, pois ela impõe sua legitimidade para todos os outros campos (BOURDIEU, 1997, p 101-102): a vida é sem graça perto da vida dinâmica, da beleza, do ritmo daquela que acontece na tela. No primeiro contato com os jovens em sala de aula tivemos a oportunidade de verificar o impacto da exibição de um capítulo de *Páginas da Vida* e de um documentário realizado por alunos do curso de comunicação, acerca dos modos de definição da pobreza por moradores de uma vila da cidade. O documentário não despertou nenhum interesse por parte deles, que assistiram calados, e no debate sobre os dois programas só falaram da novela.

As duas funções da escola são a aquisição de habilidades para obtenção de emprego e abertura de negócio próprio ou a preparação para ingresso no ensino superior. O sentido da escola e do conhecimento é projetar-se no futuro, enquanto os meios de comunicação são o presente e fonte de prazer. Eles são apontados como uma das razões da juventude dedicar pouco tempo para os estudos, além de motivos pessoais e sociais como “preguiça”, desmotivação pela falta de emprego ou por deficiências na própria escola.

A avaliação dos jovens em relação à escola permite concluir que, na comparação entre mídia e escola como fóruns de aprendizado, ocorre a diminuição do interesse pelos métodos pedagógicos: as atividades em sala de aula são desinteressantes e não despertam curiosidade pelo conhecimento em contraposição aos recursos audiovisuais da mídia. Por outro lado, o uso que professores fazem de artigos de jornal, de reportagens ou de temáticas abordadas em novelas é tido como insuficientes pelos



jovens, que reivindicam o uso mais expressivo de suportes e conteúdos midiáticos em sala de aula.

Os problemas que mais afetam os jovens na escola estão ligados à autoridade do professor, à timidez e ao desempenho acadêmico insatisfatório, seguido de preocupações com aparência física, e “morar em um bairro considerado violento”. A origem da maioria dos conflitos na escola está ligada ao *habitus* de classe - não ter boa imagem com os professores, notas ruins, discriminação pelo lugar de moradia – ou a preocupações de ordem pessoal, mas que são motivadas pelo padrão cultural midiático: a beleza e a popularidade do jovem junto aos colegas. Quanto ao *habitus* de classe, os conflitos são sintomas da familiaridade histórica recente das famílias de classe popular com a escolaridade e com o processo incompleto de incorporação do valor atribuído à escolaridade ao capital cultural familiar (GOMES, 1997, p.54-55) que resulta nesta ambivalência entre a legitimação e a deslegitimação da escola, característica de toda prática de classe dominada (THIN, 2006, p. 222). No caso desses jovens, embora os pais tenham tido acesso à escola e parte deles conseguiram concluir seus estudos no ensino médio e fundamental, a história dos avós é de analfabetismo ou de semi-analfabetismo.

Observa-se que a escolha da carreira também é determinada pela classe social, pois a ambição pessoal é domesticada pela contingência: a) pretensão de ter diploma universitário em cursos menos concorridos, mas que oferecem uma possibilidade de ascensão para classe média, superando a condição humilde dos pais; b) pretensão de carreira em ocupações de nível técnico, quando ocorre a frustração do ingresso no vestibular ou mesmo a oportunidade de trabalho no setor do comércio ou serviços. Observa-se que todos os entrevistados classificados como críticos em relação à leitura da telenovela expressaram pretensões mais ambiciosas de carreira, mesmo que em alguns casos elas não sejam a única opção: médica, atriz (famosa), militar, fisioterapeuta, advogada, veterinário. Neles verificamos a intenção de superar a condição humilde da família, influência de alguém próximo de outra classe, dos pais ou de irmãos que possuem um grau de escolaridade maior. Essa escolha do sonho em detrimento das circunstâncias é a assimilação dos valores burgueses da disciplina e do empenho, mas também resistência do popular que deseja romper com sua própria condição de classe e com os limites que ela lhe impõe, como já evidenciou Paul Willis (1977) em seu trabalho com jovens operários ingleses, desafiando tanto a sociologia da



reprodução, que vê a escola somente como ideologia dominante, como as ilusões do liberalismo.

Perguntados<sup>13</sup> sobre a abordagem da pobreza em disciplinas, observa-se que os jovens que decodificam a representação da pobreza na telenovela positivamente revelam abordagens professorais que se detêm nas origens da pobreza ao passo que jovens que possuem uma leitura negociada ou hegemônica destacam abordagens que tratam o fenômeno como proveniente de causas individuais - demonstração clara da mediação da escola na formação da consciência crítica.

#### Anotações finais

No cotidiano dos jovens de classe popular, a televisão simboliza prazer, consagração de saberes, demonstração dos estilos de vida das classes média e alta, sonhos de consumo e de ascensão social. A média de tempo diário destinado à tevê aberta é de 3 a 4 horas, sendo inexpressivo o acesso à tevê paga. O filme é o gênero predileto de mais da metade da amostra, mas a legitimidade da novela entre os jovens é evidente: a descrição detalhada de cenas e personagens, o envolvimento com a trama e o número de 28 novelas citadas espontaneamente na entrevista. Mesmo que a novela possa ser uma preferência dos mais velhos, ela é um ritual compartilhado por todos. Por outro lado, os relatos sintéticos acerca dos comentários dos pais sobre a novela e os programas em geral sinalizam uma assistência atenta e com escassas interferências, a exemplo da constatação de Leal (1986) junto a famílias de classe popular.

Evidencia-se que quanto maior o grau de envolvimento com a escola e com a cultura letrada, maior a possibilidade de leitura crítica da telenovela e da televisão: os jovens com disposições escolares proativas - familiarizados com a leitura de livros, atentos àqueles conteúdos específicos ministrados em sala que se detêm nas causas históricas da desigualdade brasileira, com participação em grêmios ou em negociações reivindicatórias - são também os que decodificam criticamente as representações da pobreza e da desigualdade na telenovela. A leitura crítica da pobreza manifesta na leitura da novela é a que aponta as dessemelhanças entre ricos e pobres na ficção e na vida real e que reconhece um tratamento melodramático irreal para os conflitos de classe. As discordâncias com o realismo das novelas dependem do texto televisual,

---

<sup>13</sup> Perguntas sobre o estudo e a escola despertam pouco interesse, com respostas evasivas, lapsos de memória ou pouco desenvolvimento. Em compensação, com temas ligados à família, ao afeto, ao lazer e aos meios de comunicação se obtém o efeito contrário.



podendo cessar se a narrativa evidencia problemas, cenários ou personagens visualizados como verossímeis: a favela, o preconceito de classe e de cor em *Duas Caras* (2007-2008), os mendigos nas ruas de São Paulo em *Páginas da Vida* (2006-2007), a garçonne e o ourives em *Paraíso Tropical* (2007).

Há uma distinção entre decodificação opositiva e visão de mundo opositiva. A decodificação opositiva raramente corresponde a uma visão de mundo opositiva, já que apenas uma entrevistada, dos seis que lêem criticamente a novela percebe as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais para evitá-la ou superá-la. No plano das ideias reina a visão fragmentada da ordem social: a injustiça social e o poder dos dominantes são percebidos, mas a ideologia burguesa da autonomia individual alimenta a reprodução de um sistema de poder que relaciona pobreza a fracasso. Para ser exitoso, o discurso midiático necessita mostrar, evidenciar e denunciar que a pobreza existe, pois na sua visibilidade se pode domesticá-la e silenciá-la. Afinal, a reprodução da determinação estrutural de classe se reproduz pela e na cultura (MICELI, 1982, p. 167).

#### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José L. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs.). Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: EDUC, 2008.

GOMES, Jerusa V. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, p. 53- 75, maio-dez 1997.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: SOVIK, Liv. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 387-404.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: SOVIK, Liv. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 247-263.



LEAL, Ondina F. A leitura social da novela das Oito. **Petrópolis: Vozes, 1986.**

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones. **Barcelona: Gustavo Gili, 1987.**

\_\_\_\_\_. Oficio de Cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. **México/Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.**

\_\_\_\_\_. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 5ed. **Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.**

MICELI, Sergio. A noite da madrinha. **São Paulo: Perspectiva, 1982.**

QUADROS; Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos 1990. *Cadernos do CESIT*, n. 30, p. 1-17, out. 2001.

SARLO, Beatriz. Tempo presente. **Buenos Aires: Sigloveinteuno, 2001.**

SARTI, Cynthia A. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. **Campinas: Autores Associados, 1996.**

SINGER, Paul. A juventude como corte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p.27-36.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. In: SOUZA, Jessé (org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. **Belo Horizonte: UFMG, 2006.**

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p.211-225, maio-dez 1997.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber*. **São Paulo: Ática, 1986, p.79-127.**

WILLIS, Paul. *Learning to labor: how working class kids get working class jobs*. **New York: Columbia University Press, 1977.**